[Recensão a] PANTELIS MICHELAKIS and MARIA WYKE, The Ancient World in Silent Cinema

Autor(es): Raymundo, Mário

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/35026>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_23_31

Accessed : 26-Apr-2023 10:54:50

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23

Ἰσσοῦς ἑστὶν ὁ ἀνὴρ ὁποῖος ἴσῃ
καὶ ἀνὴρ ἴσῃ καὶ ἀνὴρ ἴσῃ
ΜΗΝΙΝ Αἰιδε θεα Πηληϊάδεω

New Israeli Film *Beruriah: Between Rashi and Talmud, Between Antiquity and Modernity, Between Feminism and Religion*», de Tal Ilan.

Dado que o cinema cria e circunscreve o nosso campo de visão, sugerindo uma impressão de realidade caracteristicamente vívida, a obra é um rico contributo no justificar da percepção de como a indústria do cinema tem ajudado à nossa compreensão de nós mesmos, da nossa cultura e sociedade, e de como o conhecimento cultural e social, bem como a experiência, pode ser veiculado pelos filmes e pelas imagens.

Ricardo Duarte

PANTELIS MICHELAKIS and MARIA WYKE, *The Ancient World in Silent Cinema*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, 379 pp., ISBN 978-1-107-01610-1 (£75.00, US\$110.00)

O livro aqui analisado é uma edição quase exaustiva ao tema proposto, ou seja, a presença do Mundo Antigo no cinema mudo. Apesar de sabermos que nas primeiras quatro décadas de cinema foram feitos centenas de filmes que basearam a sua inspiração na Grécia antiga, Roma, Egipto e em temas da Bíblia, poucos foram os estudados e menos ainda os que foram sujeitos a crítica e a análise de pormenor. Os filmes de que falamos variam na forma e no conteúdo para revelar os temas deste mundo antigo e sugerem bem a preocupação com este passado, competindo com a intensidade e a amplitude da época clássica de Hollywood. Qual a contribuição que a Antiguidade trouxe para o desenvolvimento do cinema? Como é que as representações clássicas deste início de cinema vieram afetar a moderna conceção da Antiguidade?

Esta obra editada e amplamente ilustrada é a primeira tentativa sistemática no sentido de uma exploração integrada e detalhada do mundo antigo no cinema mudo e do papel instrumental deste nas conceções do século XX, sobre a antiga bacia mediterrânica e o Oriente antigo. Convida ainda ao estudo e a pesquisas de arquivo, numa orientação multidisciplinar, em arquivos cinematográficos e bibliotecas de todo o mundo, constituindo um enorme campo de pesquisa. Impõe, portanto, a interseção dos estudos de cinema com os estudos clássicos, bíblicos, história da arte e a história das culturas modernas. Este livro situa o sujeito no contexto das discussões sobre o significado da Antiguidade na Contemporaneidade.

Esta obra editada com a chancela da qualidade que advém da Cambridge University Press tem como coordenadores da edição Pantelis Michelakis e Maria Wyke, professores universitários cujo percurso tem versado o conhe-

cimento da cultura clássica, grega e romana e a sua moderna receção, seja no palco ou no cinema, e a respetiva exploração com base nas modernas reconstruções e representações destes temas. A par desta coordenação juntam-se os contributos de inúmeros especialistas universitários em cinema, teatro, literatura latina e grega, cultura bíblica e historiadores de arte que vêm trazer uma elevada contribuição para o estudo quer do Mundo Antigo quer do cinema mudo e da forma como este representa e incorpora aquele.

A obra, após a introdução, apresenta duas partes, sendo a primeira intitulada «Teorias, histórias, receções», e a segunda «Movimento, imagem, música, texto», num conjunto de 18 ensaios elaborados pelos especialistas já antes referidos e que prestaram um valioso contributo, completando-se com um excelente índice de bibliografia geral, um índice dos filmes em discussão e um índice geral, sem esquecer algumas ilustrações muito significativas.

Com base na filmografia efetuada entre 1908 e 1927, nos Estados Unidos, França e Itália, vemos que os filmes demonstram uma grande variedade de estilos, podendo mesmo dizer que em 1910 a personagem de Helena de Tróia aparecia, em termos de moda, mais coberta do que em 1927. Mas outros detalhes foram-se alterando como as variedades de armamento, a precisão e a minúcia ou não dos jardins, detalhes que foram recuperar o teatro e a ópera do séc. XIX e não os relatos arqueológicos. Assim, os filmes falavam tanto para a época em que foram feitos como da época que pretenderam retratar. Se alguma coisa poderíamos perceber sobre o interesse nesta época, na Itália em particular, foi o nacionalismo que antecedeu a Primeira Guerra Mundial e que fez com que muitos dos filmes remetessem para contar o seu passado histórico.

Os filmes mudos são tradicionalmente considerados como janelas que retratam momentos do tempo. Ao retratarem uma outra era, neste caso o Mundo Antigo, servem como uma espécie de espelho, e, ao contarem a história desse período longínquo, estão, ao mesmo tempo, a refletir a sua própria história.

O forte interesse que existiu sobre o Mundo Clássico a partir dos anos 50 até aos dias de hoje e que fez surgir diversa filmografia, ajudou ainda a produzir um fluxo constante de artigos, monografias e volumes nos últimos anos, mostrando a persistência do fascínio com as antigas civilizações. Deixou, no entanto, ignoradas as primeiras décadas do cinema mudo apesar da importância central para o desenvolvimento desta arte e para o seu moderno entendimento, constituindo um gigantesco acervo a aguardar exploração e análise. Hoje Pompeius pode ser percebida como o mais óbvio arquétipo cinematográfico da cidade condenada. O cinema ganhou capital cultural a partir da sua relação com a Antiguidade e não era apenas uma entre outras

formas de arte ou tecnologias de percepção do final do séc. XIX e início do séc. XX. A aplicação das suas tecnologias para trazer a Antiguidade para a vida e dar-lhe movimento fez com que o cinema mudo recebesse por sua vez um toque de modernidade e se tornasse o meio mais influente para a sua celebração. A presença persistente da Antiguidade no cinema mudo levanta questões sobre a modernidade e a popularidade de uma cultura de média que pisca o olho ao classicismo e ao orientalismo e que compete com outras formas de Arte como o teatro, a ópera ou mesmo as artes pictóricas, conseguindo criar emoções de espanto ou choque. Esta obra é portanto um primeiro passo na abordagem da importância da Antiguidade no cinema mudo e deste no mundo da Antiguidade.

Vai o leitor detetar discrepâncias, por exemplo, nos títulos de filmes ou datas de produção que ocorre por o mesmo filme ter sido lançado sob diferentes títulos em momentos diferentes e diversos países, ao mesmo tempo que a atual catalogação dos filmes mudos não permite uma precisão absoluta. Enquanto não existir um banco de dados detalhado e abrangente que englobe todos os arquivos destes filmes, não é possível apresentar uma filmografia confiável. Em todo o volume, os filmes foram identificados pelos seus realizadores, por uma questão de coerência, enquanto na época do Cinema Mudo a catalogação era entendida ou como o produto dos estúdios em que eram feitos ou pelas estrelas que neles representavam e não pelos seus realizadores, donde provinha a visão pessoal da obra.

Este livro, pela sua coleção e arquivo, representa uma ferramenta de inestimável riqueza com uma utilidade ímpar para investigadores do mundo inteiro. Destinada, essencialmente, a uma audiência de investigadores destas matérias, é o resultado de uma excelente colaboração interdisciplinar de académicos de origens e percursos diversos para deleite de quem gosta de aprofundar os temas clássicos, o mundo do cinema e as intercessões que pressentimos existir, definindo algumas orientações científicas.

Mário Raymundo